



ABORDAGENS PSICOSSOCIAIS E TERAPEUTICAS NO CUIDADO ORAL DE PACIENTES COM TEA: COLABORAÇÃO ENTRE PSICOLOGIA, ODONTOLOGIA E FARMÁCIA.

Aminiele Lima da Silva¹
Estéfane Eliene M. C. Santos²
Isabelle Muniz Ribeiro de Assis³
Marcos Vinicius R. Rodrigues⁴
Matheus Lima C. Andrade⁵
Paula Carmel Estrela Guimarães⁶
Samela Stefani Luz Santos⁷
Janaina Emanuela Damasceno dos Santos⁸

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) afeta a interação social e a comunicação, com uma prevalência de 1 em 160 crianças. Indivíduos com TEA frequentemente têm preferências alimentares restritivas, o que pode prejudicar a saúde bucal e aumentar o risco de cáries e doenças periodontais. **Objetivo:** Revisar as principais descobertas científicas sobre o impacto do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no comportamento e na saúde bucal desses pacientes. **Método:** A revisão da literatura foi realizada por meio de uma busca nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, abrangendo publicações entre 2014 e 2024 através dos descritores: autismo, saúde bucal, Tea e psicofarmacologia. Foram aplicados critérios de inclusão, como a consideração de estudos por pares que envolvessem pessoas com TEA e que abordassem a saúde bucal. Os critérios de exclusão incluíram artigos não revisados por pares, estudos fora do escopo do TEA e publicações anteriores a 2014. **Resultados:** O estudo destaca a importância de uma abordagem multidisciplinar, envolvendo psicologia, odontologia e farmácia, para o tratamento de indivíduos com TEA. Os estudos revelaram que esses pacientes apresentam uma alta prevalência de problemas bucais, como cárie e gengivite, devido a dificuldades motoras e sensibilidade tátil. A resistência ao tratamento odontológico é um desafio significativo, sendo necessárias técnicas adaptadas e intervenções comportamentais para melhorar a adesão às práticas de higiene bucal. Além disso, o uso de medicamentos psicotrópicos, como antipsicóticos, mostrou-se eficaz no controle de sintomas comportamentais, mas deve ser acompanhado de intervenções comportamentais para maximizar os resultados. **Conclusão:** A colaboração entre profissionais de diferentes áreas é fundamental para garantir um cuidado integral e personalizado, promovendo uma melhor qualidade de vida para os indivíduos com TEA.

Palavras-chave: Autismo; Saúde bucal; TEA, Psicofarmacologia.

TEA: BEHAVIOR AND ORAL HEALTH

ABSTRACT: Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) affects social interaction and communication, with a prevalence of 1 in 160 children. Individuals with ASD often have restrictive food preferences, which can harm oral health and increase the risk of caries and periodontal diseases. **Objective:** To review the main scientific findings on the impact of Autism Spectrum Disorder (ASD) on the behavior and oral health of these patients. **Method:** The literature review was performed through a search in the PubMed, SciELO and LILACS databases, covering publications between 2014 and 2024 using the descriptors: autism, oral health, ASD and psychopharmacology. Inclusion criteria were applied, such as the consideration of peer-reviewed studies involving people with ASD and addressing oral health. Exclusion criteria included non-peer-reviewed articles, studies on the scope of ASD, and publications prior to 2014. **Results:** The study highlights the importance of a multidisciplinary approach, involving psychology, dentistry, and pharmacy, for the treatment of individuals with ASD. Studies have revealed that these patients have a high prevalence of oral problems, such as caries and gingivitis, due to motor difficulties and tactile sensitivity. Resistance to dental treatment is a significant challenge, requiring adapted techniques and behavioral interventions to improve adherence to oral hygiene practices. In addition, the use of psychotropic medications, such as antipsychotics, has been shown to be effective in controlling behavioral symptoms, but should be accompanied by behavioral interventions to maximize results. **Conclusion:** Collaboration between professionals from different areas is essential to ensure comprehensive and personalized care, promoting a better quality of life for individuals with ASD.

Keywords: Autistic; Oral Health; TEA, Psychopharmacology.

¹Aluna de graduação do Curso de Psicologia, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: aminiele26@gmail.com

²Aluna de graduação do Curso Odontologia, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: emarquescezarior@gmail.com

³Aluna de graduação do Curso Psicologia, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: belle.mr@gmail.com

⁴Aluno de graduação do Curso Nutrição, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: marcosrodrigues2@gmail.com

⁵Aluno de graduação do Curso Odontologia, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: matheuscardimlima@gmail.com

⁶Aluna de graduação do Curso Farmácia, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: paula_carmel4@hotmail.com

⁷Aluna de graduação do Curso Odontologia, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: samelastefani.luz@gmail.com

⁸ Professora orientadora do Curso de graduação, do Centro Universitário UniFTC Salvador-Ba. E-mail: emmanuel.santos3@ftc.edu.br

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme descrito no DSM-5 (American Psychiatric Association, 2014). De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), o TEA afeta 1 em cada 160 crianças no mundo, com uma prevalência crescente nas últimas décadas, atribuída ao aprimoramento dos critérios diagnósticos e à maior conscientização sobre o transtorno. Embora o diagnóstico do TEA possa ser realizado antes dos três anos de idade, suas manifestações variam consideravelmente entre os indivíduos, tornando-o um "espectro" que abrange uma ampla gama de sintomas e comportamentos (GONÇALVES et al., 2021).

No contexto do TEA, os desafios não se limitam apenas às áreas cognitivas e comportamentais, mas se estendem também a questões relacionadas à saúde bucal (AMADOR et al., 2021). Crianças e adultos com TEA frequentemente apresentam preferências alimentares restritivas que podem impactar negativamente a saúde bucal. Alimentos variados, como frutas, vegetais, grãos integrais, proteínas magras e laticínios, são fundamentais para fornecer os nutrientes necessários à manutenção da saúde dos dentes e gengivas. Por exemplo, frutas e vegetais crus promovem a mastigação, estimulando a produção de saliva, que ajuda a neutralizar ácidos na boca. Da mesma forma, laticínios, como leite e queijo, são ricos em cálcio e fósforo, essenciais para fortalecer e remineralizar o esmalte dos dentes. Uma dieta equilibrada também inclui alimentos que, por sua textura crocante, auxiliam na limpeza mecânica dos dentes, como maçãs e cenouras. (FERREAZZANO et al., 2020). No entanto, indivíduos com TEA podem apresentar aversão a alimentos com certas texturas ou sabores, preferindo alimentos mais macios, pegajosos ou ricos em açúcares, como pães brancos, biscoitos ou doces. Esse padrão alimentar limita a ingestão de nutrientes essenciais e favorece o acúmulo de placa bacteriana, aumentando os riscos de cáries e doenças periodontais. Além disso, a resistência ao tratamento odontológico, comum em pessoas com TEA, agrava ainda mais a situação, dificultando a prevenção e o tratamento de problemas bucais. Assim, a falta de variedade na dieta e a dificuldade em manter a higiene oral criam um ciclo prejudicial à saúde dental. (Alves et al., 2020).

O atendimento multidisciplinar, especialmente nas áreas de psicologia, odontologia e farmácia, é essencial para o cuidado integral de pacientes com Transtorno do Espectro Autista TEA (SILVA et al., 2022). Souza e Oliveira (2024) enfatizam a importância da intersubjetividade

na psicoterapia de indivíduos com autismo, destacando que tratamentos focados em habilidades sociais e comunicação podem ser eficazes na redução de comportamentos desafiadores. Essa abordagem interdisciplinar é fundamental para proporcionar um atendimento mais completo e personalizado, principalmente nas intervenções comportamentais.

O diagnóstico e a intervenção no Transtorno do Espectro Autista (TEA) exigem a colaboração de uma equipe multiprofissional, que pode incluir, além de médicos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, profissionais de odontologia e farmácia para abordar questões específicas de saúde oral e manejo medicamentoso (SILVA et al., 2022). A inclusão de dentistas é crucial para desenvolver estratégias que melhorem a saúde bucal das crianças com TEA, enquanto farmacêuticos podem auxiliar no ajuste e monitoramento de medicamentos que visam reduzir comportamentos desafiadores e melhorar a qualidade de vida. Assim, a atuação integrada desses profissionais é fundamental para um cuidado abrangente e eficaz (GORDON et al., 2019).

A saúde bucal em indivíduos com TEA é uma questão emergente na odontologia e na saúde pública. ALVES et al. (2020) relataram que esses indivíduos são frequentemente resistentes aos cuidados bucais de rotina, como escovar os dentes e visitar o dentista, devido à sensibilidade tátil e aos comportamentos repetitivos. Esses fatores contribuem para uma alta incidência de problemas dentários, como cáries e inflamação gengival. A falta de higiene oral adequada agrava esses problemas, tornando essencial o desenvolvimento de tratamentos adaptados às necessidades específicas deste grupo. Nesse sentido, é fundamental que os profissionais de saúde bucal utilizem técnicas de comunicação e relaxamento que possam facilitar o atendimento a esses pacientes, ajudando a reduzir a ansiedade e a resistência (GONÇALVES et al., 2021).

A psicologia desempenha um papel fundamental no manejo do TEA. As abordagens psicológicas são essenciais para o desenvolvimento de habilidades sociais, comunicação e regulação emocional (LAZZARINI, 2022). Profissionais da psicologia utilizam técnicas como terapia comportamental e intervenções baseadas em evidências, ajudando os indivíduos a enfrentar desafios comportamentais e sociais. Essas intervenções podem ser adaptadas às particularidades de cada paciente, promovendo um ambiente seguro e acolhedor que favorece o aprendizado e a interação (SILVA et al., 2022).

A farmacologia também desempenha um papel importante no manejo dos sintomas associados ao TEA, embora não exista uma medicação específica que cure a condição. Medicamentos podem ser utilizados para tratar sintomas que afetam a qualidade de vida e o comportamento diário desses indivíduos. As intervenções farmacológicas são desafiadoras devido à heterogeneidade clínica do TEA (FERREIRA et al., 2017). Estudos têm buscado evidências sobre a eficácia, segurança e efetividade de diferentes fármacos, visando à sua incorporação em

protocolos clínicos e diretrizes terapêuticas (EISSA et al., 2018). No entanto, as opções terapêuticas permanecem limitadas, com apenas a risperidona e o aripiprazol aprovados nos EUA e a risperidona e a periciazina aprovadas no Brasil para o controle dos sintomas associados ao TEA (BRASIL, 2012b; BRASIL, 2014). É crucial que os farmacêuticos estejam envolvidos na gestão desses medicamentos, monitorando possíveis efeitos colaterais e interações que possam impactar a saúde geral e bucal dos pacientes.

A crescente prevalência do TEA e os desafios específicos que esses indivíduos enfrentam em relação ao comportamento e à saúde bucal justificam a necessidade de um estudo abrangente que integre diferentes disciplinas (FALQUETTI et al., 2023). As questões de saúde bucal impactam diretamente a qualidade de vida das pessoas com TEA, e o desenvolvimento de intervenções terapêuticas requer uma abordagem que envolva psicólogos, dentistas e farmacêuticos. Além disso, a resistência dos pacientes a tratamentos farmacológicos e dentários ressalta a importância de novas estratégias de intervenção que considerem as especificidades sensoriais e comportamentais dessa população. A criação de um ambiente colaborativo entre as três áreas é fundamental para oferecer cuidados que atendam a essas necessidades complexas e proporcionem um melhor prognóstico para indivíduos com TEA (LAZZARINI et al., 2022).

Com isso, o objetivo desta revisão da literatura é explorar as interações entre o Transtorno do Espectro Autista (TEA), o comportamento dos indivíduos afetados e a saúde bucal, destacando a importância de uma abordagem multidisciplinar. Busca-se identificar práticas eficazes de intervenção que integrem as áreas de psicologia, odontologia e farmácia, visando melhorar a qualidade de vida e o bem-estar dos pacientes com TEA.

METODOLOGIA

A revisão de literatura foi realizada com base em uma busca sistemática nas bases de dados PubMed, SciELO e LILACS, além de livros relevantes sobre o tema. A pesquisa abrangeu publicações dos últimos 10 anos, entre 2014 e agosto de 2024, e utilizou palavras-chave como "psicofarmacologia", "TEA" (Transtorno do Espectro Autista), "saúde oral" e "autismo". Foram incluídos artigos revisados por pares que apresentassem dados empíricos sobre a relação entre seletividade alimentar, TEA e saúde bucal. Os estudos indisponíveis em inglês, português ou espanhol foram excluídos.

Inicialmente, foram encontrados 150 artigos relacionados ao tema. Após uma triagem inicial, realizada por dois revisores independentes, artigos que não estavam diretamente relacionados ao foco da pesquisa foram excluídos. Os títulos e resumos dos artigos foram

analisados, resultando em uma seleção final dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão. Ao final desse processo, foram mantidos 28 artigos para leitura completa e inclusão nesta revisão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Transtorno do Espectro Autista – TEA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição no neurodesenvolvimento que afeta a comunicação, o comportamento e a interação social. O reconhecimento e a compreensão do TEA evoluíram significativamente ao longo dos anos, refletindo mudanças nas percepções sociais e científicas. Historicamente, o TEA foi mal compreendido e frequentemente associado a deficiências intelectuais. A partir da década de 1940, com os trabalhos de pesquisadores como Leo Kanner e Hans Asperger, o TEA começou a ser reconhecido como um espectro de condições, levando a uma maior aceitação e inclusão social.

A prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem aumentado, com cerca de 1 em cada 36 crianças diagnosticadas nos Estados Unidos (CDC, 2023) e 1 em 100 globalmente (OMS, 2022). Além disso, até 75% dos indivíduos com TEA apresentam comorbidades psiquiátricas, como ansiedade e depressão (HOLTMANN et al., 2020). A detecção precoce e intervenções adequadas estão associadas a melhores resultados a longo prazo, enquanto a falta de suporte pode acarretar dificuldades significativas, especialmente na adaptação escolar e profissional.

Dada a complexidade do TEA, é essencial adotar uma abordagem integrada, que considere tanto os aspectos clínicos quanto sociais, para promover melhores condições de vida para as pessoas afetadas e suas famílias.

Dentro dessa perspectiva, o comportamento estereotipado no TEA apresenta uma expressão visualizável, mesmo que sutil. Sua característica mais comum é a repetição enfadonha, como se a pessoa quisesse comunicar algo que não consegue expressar de uma única vez, resultando em atos repetidos à exaustão. A estereotipia comportamental possui uma lógica peculiar e individual, que pode não ser evidente para todos os indivíduos com a condição. Por exemplo, o balançar corporal, frequente entre sujeitos com TEA, varia em inclinação, força e compulsão à repetição, mostrando que cada manifestação é única.

Os níveis de autismo definidos pelo DSM-5-TR variam conforme a necessidade de suporte, que vai desde um apoio mínimo até um suporte contínuo e intensivo. Esses níveis são definidos com base nas dificuldades comunicativas, comportamentais e cognitivas que as pessoas apresentam.

No Nível 1, indivíduos têm dificuldades em interações sociais, como entender normas sociais e manter conversas. A comunicação pode ser direta e objetiva, com pouca flexibilidade nas trocas sociais, e apresentam comportamentos inflexíveis que impactam suas rotinas. Porém, geralmente conseguem funcionar de maneira independente com algum apoio, especialmente no contexto social e educacional. A comunicação é funcional, mas pode ser caracterizada por dificuldades em perceber e responder às nuances sociais da conversa. Tendem a apresentar comportamentos repetitivos ou insistência em rotinas, mas de forma menos intensa que nos níveis superiores. A cognição é preservada, com inteligência dentro da média ou acima da média, e pode haver habilidades excepcionais em áreas específicas, como memória ou atenção a detalhes, embora possam ter dificuldades em compreender conceitos mais abstratos.

No Nível 2, indivíduos apresentam déficits mais acentuados na comunicação e nos comportamentos sociais, com dificuldades significativas em estabelecer e manter conversas. Além disso, há uma presença de comportamentos restritos e repetitivos que afetam a capacidade de adaptação ao ambiente e à rotina. A comunicação é menos flexível, podendo ser não verbal ou acompanhada de falas repetitivas. As interações sociais são mais limitadas, e há dificuldades em se adaptar às mudanças nas expectativas sociais. Comportamentos repetitivos são mais pronunciados, e mudanças no ambiente ou nas atividades podem causar grande desconforto, levando a reações emocionais intensas. A cognição pode variar, mas a pessoa pode ter dificuldades significativas em compreender novas informações e adaptar-se com mais lentidão a mudanças de ambiente ou rotina.

No Nível 3, este é o grau mais severo de autismo, com um grau intenso de dificuldades sociais e comportamentais. As pessoas precisam de apoio contínuo e intensivo em diversas áreas da vida, incluindo comunicação, comportamento e atividades diárias. A comunicação verbal pode ser muito limitada, com a pessoa utilizando poucos ou nenhum recurso verbal, e a comunicação não verbal também pode ser dificultada. Comportamentos repetitivos e insistência em rotinas são extremamente pronunciados, e mudanças ambientais ou na rotina podem ser extremamente desafiadoras e causar angústia intensa. As dificuldades cognitivas são mais evidentes, afetando significativamente o aprendizado e a adaptação a novas situações. A capacidade de compreender o mundo ao redor e de agir de maneira independente é severamente limitada, sendo necessário apoio contínuo para realizar atividades cotidianas.

A compreensão dos diferentes níveis do espectro autista e das necessidades específicas de cada pessoa é essencial para a implementação de uma abordagem terapêutica eficaz. Cada nível apresenta desafios distintos na comunicação, comportamento e cognição, sendo fundamental que os profissionais ajustem suas intervenções de acordo com essas características. A colaboração entre psicólogos, dentistas e farmacêuticos é a chave para um cuidado holístico e eficaz, promovendo melhorias significativas na qualidade de vida das pessoas com autismo e favorecendo uma maior inclusão social e profissional. A contínua pesquisa e o desenvolvimento de novas estratégias permitem que o suporte às pessoas com autismo seja cada vez mais adequado e personalizado, promovendo um futuro mais inclusivo para todos.

Cada comportamento estereotipado possui padrões motores, sensoriais e comportamentais, além de um padrão intelectual, que podem ser complexos e difíceis de compreender. Portanto, não há comportamento estereotipado que seja um mero bônus ou ato gratuito; todos têm uma razão de ser, refletindo a singularidade da lógica do TEA e a necessidade de uma compreensão aprofundada e empática. Essa integração de conhecimento clínico e uma apreciação das nuances comportamentais é fundamental para oferecer suporte eficaz e adequado aos indivíduos com TEA.

2. Abordagem multiprofissional no tratamento do TEA

Uma abordagem multiprofissional, que envolva psicologia, odontologia e farmácia, é fundamental para oferecer um cuidado integral e personalizado a pessoas com autismo, adaptando as estratégias e o suporte conforme as necessidades de cada indivíduo em diferentes níveis do espectro. Psicólogos contribuem com intervenções para desenvolver habilidades sociais e emocionais, adaptadas às especificidades de cada nível. A odontologia ajusta os atendimentos às sensibilidades sensoriais e comportamentais, criando estratégias que tornem o ambiente mais confortável e minimizem o estresse do paciente. A farmácia é crucial para a gestão de medicamentos que podem ser usados para controlar sintomas como ansiedade e irritabilidade, monitorando sua eficácia e segurança.

O tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve uma combinação de abordagens farmacológicas e não farmacológicas, visando melhorar a qualidade de vida do paciente e atender às suas necessidades específicas. Medicamentos como psicoestimulantes e antipsicóticos podem ser úteis no manejo de sintomas comportamentais ou emocionais associados ao TEA, como hiperatividade e agressividade. No entanto, esses tratamentos devem ser aplicados dentro de uma abordagem integrada, com foco no tratamento holístico e personalizado.

A abordagem holística é um conceito que se baseia na compreensão de que o indivíduo deve ser visto de forma integral, considerando não apenas os sintomas ou comportamentos isolados, mas todo o contexto de vida e os múltiplos aspectos que o influenciam. Isso inclui fatores emocionais, sociais, psicológicos, físicos e espirituais. No caso do TEA, isso significa tratar a pessoa como um ser completo, levando em conta suas necessidades cognitivas, emocionais, sociais e físicas. A ideia é que, ao abordar todos esses aspectos de forma equilibrada, o tratamento se torna mais eficaz, respeitando as especificidades de cada paciente e promovendo um bem-estar duradouro.

As intervenções não farmacológicas, como a musicoterapia e a terapia cognitivo-comportamental (TCC), têm se mostrado eficazes no desenvolvimento das habilidades sociais dos indivíduos com TEA. A musicoterapia, por exemplo, pode ajudar na regulação emocional, no aprimoramento da comunicação e na interação social. Já a TCC auxilia na identificação e modificação de padrões de pensamento e comportamento, e seus princípios podem ser adaptados para atender às necessidades específicas dos indivíduos com TEA, contribuindo para o manejo de ansiedades e dificuldades sociais comuns no transtorno.

Além disso, é fundamental que as práticas terapêuticas adotadas no tratamento do TEA sejam baseadas em evidências científicas. O levantamento contínuo dessas práticas garante que os profissionais de saúde, incluindo psicólogos, utilizem intervenções eficazes e ajustadas às necessidades específicas de cada paciente. O profissional de psicologia, em particular, tem um papel importante ao aplicar estratégias que promovam a inclusão social, o desenvolvimento de habilidades sociais e a gestão emocional dos indivíduos com TEA, por meio de intervenções psicoterapêuticas personalizadas.

Além dos psicólogos, outros profissionais, como fonoaudiólogos, nutricionistas, cirurgião-dentista e farmacêuticos, desempenham papéis importantes. O fonoaudiólogo, por exemplo, atua na melhoria da comunicação, essencial para o desenvolvimento das interações sociais e a redução de comportamentos desafiadores. Já o nutricionista pode contribuir para a gestão de dietas específicas, que muitas vezes são necessárias para lidar com questões relacionadas à alimentação e sensibilidades alimentares frequentemente observadas em indivíduos com TEA.

A odontologia também desempenha um papel relevante, pois muitos indivíduos com TEA apresentam dificuldades com a higiene bucal ou com comportamentos que podem afetar a saúde dental. Profissionais da odontologia especializados no cuidado de pacientes com TEA podem ajudar a criar estratégias adaptadas para que esses pacientes possam realizar os cuidados

necessários de forma mais eficaz e confortável, levando em consideração as necessidades sensoriais e comportamentais particulares.

O farmacêutico, por sua vez, é essencial na gestão de medicamentos, assegurando que os tratamentos farmacológicos sejam adequadamente ajustados às necessidades do paciente, minimizando efeitos adversos e interações medicamentosas, e promovendo a adesão ao tratamento. O farmacêutico também pode fornecer orientações sobre o uso correto dos medicamentos, especialmente em tratamentos complexos, com múltiplos medicamentos.

Essa integração entre diferentes áreas da saúde é crucial para fornecer um cuidado completo e de qualidade aos pacientes com TEA. A atuação conjunta desses profissionais permite um acompanhamento mais assertivo e personalizado, favorecendo melhores resultados terapêuticos.

Dentro desse contexto, o papel do psicólogo é crucial para o progresso no tratamento do Transtorno do Espectro Autista, pois é o profissional que pode fazer a articulação entre as diversas abordagens terapêuticas, promovendo um ambiente de apoio emocional, psicológico e social, se dedicando a entender os aspectos emocionais e comportamentais do indivíduo com TEA.

Cientificamente, intervenções e métodos educacionais baseados na psicologia comportamental demonstram reduzir os sintomas do espectro autista e promover habilidades sociais, de comunicação e comportamentos adaptativos. Diversas práticas baseadas em evidências científicas devem ser aplicadas de forma profissional, sempre considerando a efetividade para cada caso, com o objetivo de promover o desenvolvimento e a qualidade de vida das pessoas com TEA, respeitando o princípio fundamental da individualização do tratamento (LORD et al., 2020).

Enquanto alguns autores apontam para a promessa de terapias hormonais, como antagonistas dos receptores de ocitocina, a evidência ainda requer mais pesquisa. A necessidade de um entendimento mais amplo das nuances individuais é ressaltada por LEVY E HYMAN (2015), especialmente em um contexto onde a prevalência do TEA cresceu consideravelmente nos últimos anos. A conscientização e melhores diagnósticos também têm sido apontados como fatores que influenciam essas taxas (SOKE et al., 2014).

No estudo do TEA, diferentes autores apresentam visões que corroboram ou se contradizem. LORD et al. (2020) afirmam que o diagnóstico precoce é crucial para melhorar os resultados a longo prazo. Em contrapartida, LEVY E HYMAN (2015) destacam que a eficácia das intervenções ainda carece de evidências robustas sobre seu impacto em adultos, levantando questionamentos sobre a efetividade das práticas atuais. Adicionalmente, o suporte familiar é reconhecido como essencial no tratamento do Transtorno do Espectro Autista (TEA). No entanto, a eficácia desse apoio pode ser comprometida pela falta de recursos adequados, o que reforça a

necessidade de políticas públicas e infraestrutura que garantam um atendimento de qualidade (Vismara & Rogers, 2020). O terapeuta deve considerar a maneira como a pessoa com autismo percebe a realidade, identificando elementos que ajudem a compreender suas necessidades e desejos. Nesse sentido, a participação ativa dos genitores e da família é crucial, pois contribui para a identificação e compreensão dos comportamentos apresentados, facilitando um acompanhamento mais eficaz e adaptado (Fernandes et al., 2022).

As diversas possibilidades de arranjos familiares e contribuições dos genitores sugerem que, embora o suporte familiar seja vital, a implementação de políticas públicas e a disponibilidade de recursos adequados são igualmente relevantes para o sucesso do tratamento (SANTOS et al., 2022). Assim, a ideia do cuidado de crianças com TEA leva à necessidade de uma variedade na disponibilização da atenção, evitando a padronização das respostas no atendimento. É essencial enxergar nos atos menos significativos a possibilidade de o autista situar-se no mundo. A relevância dos direitos à saúde, educação, moradia, assistência social, lazer e esporte é fundamental, garantindo a autonomia e evitando a exclusão.

A abordagem terapêutica de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolve a colaboração de diferentes profissionais da saúde, incluindo psicólogos, farmacêuticos e dentistas, para proporcionar um atendimento eficaz e adaptado às necessidades individuais de cada paciente. As especificidades do TEA, como dificuldades de comunicação, comportamentais e sensoriais, exigem uma abordagem cuidadosa, que envolva a personalização do tratamento e a integração de diferentes áreas da saúde. Neste contexto, a Psicologia, Farmácia e Odontologia desempenham papéis cruciais, com ênfase no manejo da ansiedade, na personalização do tratamento medicamentoso e na adaptação do atendimento odontológico.

3. As contribuições no tratamento de saúde oral do paciente com TEA

O presente estudo identificou as seguintes contribuições da psicologia, farmácia e odontologia no cuidado oral de pacientes com Transtorno do Espectro Autista:

3.1. Psicologia: O Alicerce da Abordagem Terapêutica

A Psicologia desempenha um papel central no manejo do TEA, ao compreender e abordar as particularidades comportamentais e emocionais dos pacientes. LEVY E HYMAN (2015) enfatizam a necessidade de intervenções psicológicas personalizadas, que considerem a diversidade de manifestações do transtorno, fundamentais para preparar os pacientes para

situações desafiadoras, como visitas a consultórios odontológicos. A contribuição do psicólogo se dá principalmente nas seguintes áreas:

3.1.1. Redução da Ansiedade e Medo

Pacientes com TEA frequentemente enfrentam altos níveis de ansiedade devido a estímulos sensoriais, como o barulho dos equipamentos odontológicos ou o toque físico durante os procedimentos (KATZ et al., 2018). O psicólogo pode utilizar técnicas de dessensibilização gradual e de relaxamento, como a respiração profunda e a visualização, para ajudar o paciente a lidar com esses medos e reduzir a tensão emocional antes e durante o atendimento odontológico. Estudos demonstram que a preparação emocional do paciente, aliada a estratégias de manejo da ansiedade, pode melhorar significativamente a experiência odontológica (CHANDRASHEKHAR et al., 2018).

3.1.2. Treinamento de Habilidades Sociais e Comportamentais

Muitos pacientes com TEA apresentam dificuldades na comunicação e na interação social, o que pode dificultar a cooperação durante a consulta odontológica (KATZ et al., 2018). O psicólogo pode trabalhar com o paciente para desenvolver habilidades sociais e comportamentais, como seguir instruções simples e melhorar a interação com o dentista. A modulação comportamental, utilizando reforço positivo, também é uma técnica eficaz para promover comportamentos cooperativos durante o tratamento (GUIRADO, 2018). Essa abordagem contribui para a criação de um ambiente mais previsível e controlado, facilitando a aceitação de procedimentos odontológicos.

3.1.3. Preparação e Condicionamento para o Procedimento

O psicólogo pode preparar o paciente para o ambiente odontológico, explicando, de maneira clara e adaptada, o que ocorrerá durante a consulta. Esse tipo de preparo ajuda a reduzir o desconforto e a surpresa, criando um ambiente de previsibilidade e controle para o paciente (LEVY E HYMAN, 2015). Técnicas como o método "dizer-mostrar-fazer" têm sido recomendadas para ajudar os pacientes com TEA a se sentirem mais seguros, minimizando o estresse antes e durante o atendimento (CHANDRASHEKHAR et al., 2018).

3.1.4. Suporte à Família

A participação da família é essencial para o sucesso do tratamento odontológico de pacientes com TEA. O psicólogo pode trabalhar com os familiares, orientando-

os sobre como apoiar o paciente durante o tratamento e ensinando estratégias de manejo comportamental. Além disso, pode proporcionar suporte emocional aos cuidadores, ajudando-os a lidar com a sobrecarga emocional frequentemente associada ao cuidado de pacientes com TEA (MANDELL et al., 2015). O apoio psicológico à família também facilita a adaptação do paciente ao ambiente odontológico, melhorando a colaboração e a eficácia do tratamento (ROMEU et al., 2022).

3.1.5. Promoção da Adesão ao Tratamento

O psicólogo pode contribuir para aumentar a adesão ao tratamento odontológico ao criar um ambiente de confiança e colaboração entre o paciente, a família e a equipe odontológica. Estudos indicam que uma abordagem psicológica bem estruturada pode melhorar a cooperação do paciente, permitindo que ele se sinta mais confortável e disposto a participar do cuidado da saúde oral (KATZ et al., 2018).

Portanto, a atuação do psicólogo no atendimento odontológico de pacientes com TEA é crucial para garantir uma experiência mais tranquila e eficaz, diminuindo a ansiedade, melhorando a cooperação e promovendo a adesão ao tratamento. As intervenções psicológicas, aliadas a uma abordagem interprofissional, podem otimizar significativamente os resultados do tratamento odontológico e a qualidade de vida desses pacientes.

3.2.Farmácia: Personalização e Monitoramento do Tratamento

A Farmácia desempenha um papel essencial na personalização e monitoramento dos tratamentos para pacientes com TEA, com ênfase na segurança e eficácia das combinações medicamentosas. O farmacêutico é responsável por ajustar as dosagens e monitorar possíveis interações medicamentosas, contribuindo para um cuidado mais seguro e eficaz. Pacientes com TEA podem ter dificuldades em comunicar desconfortos ou efeitos colaterais, o que torna ainda mais importante a colaboração contínua entre os profissionais de saúde para garantir um tratamento adequado (SILVA et al., 2022).

3.2.1. Personalização e Monitoramento do Tratamento Medicamentoso

Pacientes com TEA frequentemente utilizam medicamentos para o manejo dos sintomas do transtorno, como psicoestimulantes, antipsicóticos atípicos e antidepressivos, além de medicamentos para comorbidades associadas, como

transtornos de ansiedade e epilepsia (SHARMA; GONDA; TARAIZI, 2018). O farmacêutico tem um papel crucial na personalização dos tratamentos, garantindo que as combinações medicamentosas sejam seguras e eficazes, além de monitorar possíveis efeitos adversos, como xerostomia (boca seca) e gengivite, que podem ser causados por alguns fármacos (FERRAZZANO et al., 2020). Essa vigilância constante é fundamental para a segurança do paciente, especialmente em indivíduos com TEA, que podem ter dificuldades em relatar desconfortos.

3.2.2. Prevenção de Interações Medicamentosas

A polimedicação é comum entre pacientes com TEA, visto que muitos deles apresentam comorbidades, como transtornos de ansiedade, depressão e epilepsia, que requerem tratamentos farmacológicos concomitantes (SILVA et al., 2022). Nesse contexto, o farmacêutico exerce um papel importante ao prevenir interações medicamentosas que possam impactar negativamente a saúde bucal, como a redução da salivação, o que pode aumentar o risco de cáries e doenças periodontais. A orientação sobre os efeitos colaterais dos medicamentos e a busca por alternativas terapêuticas que minimizem esses impactos são responsabilidades do farmacêutico, o que contribui para a melhoria da saúde bucal e a adesão ao tratamento odontológico (FERRAZZANO et al., 2020).

3.2.3. Orientação sobre Suplementação Nutricional e Cuidados Bucais

Além dos medicamentos, o farmacêutico também pode oferecer orientações sobre suplementos nutricionais, como vitaminas e minerais, que favoreçam a saúde bucal. Pacientes com TEA, devido a questões comportamentais ou sensoriais, podem apresentar dificuldades em realizar a higiene oral de forma eficaz. Nesses casos, o farmacêutico pode recomendar produtos de cuidado bucal adaptados, como pastas de dente com sabores mais agradáveis ou escovas com texturas específicas, que sejam mais toleradas pelos pacientes (BAKER et al., 2017). O uso de suplementos como cálcio e vitamina D também é benéfico para a saúde óssea e dentária, especialmente em pacientes com dificuldades alimentares associadas ao TEA (SHARMA; GONDA; TARAIZI, 2018).

3.2.4. Promoção da Colaboração Interprofissional

O farmacêutico, ao colaborar com psicólogos e dentistas, desempenha um papel crucial na promoção de uma abordagem integrada no atendimento ao paciente com TEA. A troca de informações sobre os medicamentos em uso pelo paciente permite que a equipe de saúde ajuste os cuidados de acordo com os efeitos dos tratamentos

farmacológicos. Essa colaboração interprofissional contribui para a otimização dos resultados do atendimento odontológico e melhora a qualidade de vida dos pacientes, ao garantir que todas as necessidades do paciente sejam atendidas de forma coordenada e eficiente (SILVA et al., 2022).

Portanto, a atuação do farmacêutico no atendimento odontológico de pacientes com TEA é de extrema importância para garantir uma abordagem segura, eficaz e personalizada. Sua contribuição na personalização do tratamento farmacológico, prevenção de interações medicamentosas, orientação sobre cuidados bucais e colaboração com outros profissionais de saúde melhora significativamente a qualidade de vida dos pacientes, promovendo uma assistência mais integrada e eficaz.

3.3. Odontologia: Abordagem Sensível e Adaptativa no Atendimento a Pacientes com TEA

A Odontologia enfrenta desafios específicos ao tratar pacientes com TEA, especialmente em relação à ansiedade e às dificuldades sensoriais, que dificultam a cooperação durante os atendimentos. A adoção de práticas adaptativas e sensíveis é fundamental para oferecer um atendimento eficaz e confortável para esses pacientes.

3.3.1. Desafios no Atendimento Odontológico a Pacientes com TEA

Os pacientes com TEA frequentemente apresentam sensibilidades sensoriais que podem ser exacerbadas em ambientes clínicos, resultando em um aumento da ansiedade e da resistência a procedimentos odontológicos. KATZ et al. (2018) sugerem que o uso de técnicas de relaxamento e a criação de um ambiente controlado e acolhedor são essenciais para melhorar a experiência do paciente. A preparação psicológica prévia, realizada por psicólogos ou outros profissionais especializados, também é fundamental para garantir a eficácia dessas abordagens.

3.3.2. A Integração da Psicologia e Odontologia

A colaboração entre a Psicologia e a Odontologia é crucial para criar um ambiente terapêutico que favoreça a adaptação do paciente e minimize o estresse durante os atendimentos. Técnicas de relaxamento, como a terapia comportamental, e a preparação psicológica, podem ajudar a reduzir a ansiedade e aumentar a cooperação do paciente. A comunicação clara e o uso de abordagens

individualizadas são aspectos importantes para que o paciente se sinta mais confortável e seguro durante o tratamento odontológico.

3.3.3. O Papel da Farmácia na Gestão da Saúde Bucal

A Farmácia também desempenha um papel importante na gestão da saúde bucal dos pacientes com TEA, especialmente no que diz respeito aos efeitos das medicações sobre a cavidade oral. FERRAZZANO et al. (2020) destacam que os pacientes com TEA que fazem uso de medicamentos, como psicoestimulantes ou antipsicóticos, podem sofrer efeitos colaterais, como gengivite ou biocorrosão dental. A colaboração entre farmacêuticos e dentistas é essencial para prevenir e manejar esses efeitos adversos, garantindo que o tratamento odontológico seja eficaz e individualizado, levando em consideração a saúde bucal do paciente.

3.3.4. Prevalência de Problemas Dentários em Pacientes com TEA

A literatura aponta uma prevalência significativamente maior de problemas dentários em indivíduos com TEA, incluindo cáries e doenças periodontais (BAKER et al., 2017; HENNEQUIN et al., 2018). Essa maior vulnerabilidade exige que os dentistas adotem estratégias adaptativas para o atendimento desses pacientes. Katz et al. (2018) sugerem o uso de técnicas de relaxamento e o condicionamento prévio, especialmente em um ambiente controlado, para reduzir a ansiedade odontológica. É fundamental que os dentistas considerem as especificidades do paciente com TEA, como a redução de estímulos aversivos, como ruídos excessivos e luzes fortes, e a utilização de equipamentos adaptados.

3.3.5. A Importância do Suporte Familiar

Estudos indicam que o suporte familiar desempenha um papel crucial no atendimento a pacientes com TEA. CHANIN et al. (2023) ressaltam que os pais ou cuidadores podem colaborar diretamente na adaptação do paciente ao ambiente odontológico, contribuindo para o aumento da confiança e facilitando a cooperação durante os procedimentos. A criação de uma relação de confiança entre o dentista, o paciente e sua família são essenciais para o sucesso do tratamento odontológico, tornando o processo mais tranquilo e eficaz.

3.3.6. Colaboração Inter profissional

A colaboração Inter profissional também é um aspecto essencial para aperfeiçoar os resultados odontológicos e melhorar a experiência do paciente com TEA. ROMEU et al. (2022) apontam que o trabalho conjunto entre odontologistas, psicólogos, terapeutas ocupacionais e outros profissionais de saúde tem mostrado

resultados positivos na melhoria da adesão ao tratamento e na redução do estresse associado ao atendimento odontológico. A integração de diferentes abordagens terapêuticas permite um atendimento mais holístico e centrado no paciente, o que é fundamental para garantir o bem-estar do paciente com TEA durante os atendimentos odontológicos.

Desta forma, programas educativos interdisciplinares que reúnam psicólogos, dentistas e farmacêuticos podem ser desenvolvidos para sensibilizar os profissionais sobre as necessidades específicas dessa população. Além disso, iniciativas comunitárias, como a educação em saúde bucal e o suporte psicológico nas escolas, podem promover hábitos saudáveis e facilitar o acesso ao tratamento integrado.

Uma abordagem multidimensional, que leve em consideração o suporte familiar e a disponibilidade de recursos, é essencial para o estudo do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essa perspectiva integrada pode melhorar os resultados para indivíduos com TEA e suas famílias, reforçando a importância de estratégias que combinem diagnóstico precoce, suporte familiar e políticas públicas eficazes (LORD et al., 2020). O TEA apresenta desafios complexos que exigem a colaboração entre as áreas de Psicologia, Odontologia e Farmácia para proporcionar cuidados mais eficazes e humanizados. A Psicologia contribui no manejo do TEA, enquanto a Odontologia e a Farmácia são fundamentais para o sucesso de tratamentos, destacando a necessidade de uma atuação coesa entre esses profissionais para promover a qualidade de vida dos pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A abordagem multidisciplinar no cuidado de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é essencial para garantir um atendimento eficaz e completo, considerando as particularidades de cada paciente. A colaboração entre profissionais de áreas distintas, como psicologia, odontologia e farmácia, é fundamental para a promoção de uma qualidade de vida mais saudável e equilibrada. A psicologia, com suas intervenções no desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, atua diretamente no comportamento e bem-estar do paciente, oferecendo suporte no enfrentamento de desafios diários. A odontologia, ao adaptar as técnicas de cuidado bucal às sensibilidades sensoriais dos pacientes com TEA, é crucial na prevenção e no tratamento de problemas bucais, que frequentemente são negligenciados devido à resistência ao tratamento. Já a farmácia, ao gerenciar o uso de medicamentos psicotrópicos e outras terapias farmacológicas, contribui para o controle de sintomas comportamentais e melhora do quadro geral

do paciente, garantindo a segurança e eficácia do tratamento. Essa integração não apenas proporciona um atendimento mais holístico, mas também reforça a importância de uma intervenção personalizada e individualizada, que respeite as necessidades específicas de cada paciente com TEA, melhorando seu bem-estar físico, emocional e social. Assim, o trabalho conjunto desses profissionais é imprescindível para o cuidado integral, destacando-se como um modelo de tratamento eficaz que visa não apenas a melhora das condições de saúde, mas também a inclusão e qualidade de vida dessas pessoas. Em suma, a união entre psicologia, odontologia e farmácia na abordagem do TEA se mostra como uma estratégia vital para promover um atendimento de saúde mais completo e inclusivo, com resultados duradouros para os pacientes.

REFERÊNCIAS:

- AMADOR, L. R. T.; MADERA, M.; LEAL-ACOSTA, C. A. Saúde bucal em indivíduos com transtorno do espectro autista: considerações para o atendimento odontológico. *CES Odontol.*, Medellín, v. 34, n. 2, p. 139-158, dez. 2021.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and statistical manual of mental disorders: DSM-5*. 5. ed. Arlington: American Psychiatric Publishing, 2014.
- ALVES, M. A.; et al. Dietary restrictions and oral health in children with autism spectrum disorder. *Brazilian Journal of Dentistry*, v. 15, n. 2, p. 123-130, 2020.
- ARAÚJO, L. A. Transtorno do Espectro do Autismo. *Manual de Orientação do Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento – Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP)*, n. 5, 2019.
- BAKER, S. R.; et al. Therapeutic approaches to individuals with autism spectrum disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2017.
- CHANDRASHEKHAR, S. R.; et al. Psychological interventions in autism spectrum disorder. *International Journal of Clinical and Experimental Psychology*, 2018.
- FERRAZZANO, G. F.; et al. Transtorno do espectro autista e estado de saúde bucal: revisão de literatura. *European Journal of Paediatric Dentistry*, v. 21, n. 1, p. 9-12, 2020.
- FERRAZZANO, G.; et al. Oral health in autism spectrum disorder: implications for treatment. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2020.
- FALQUETTI, B. B.; RODRIGUES, J. V. S.; PAINO-SANT'ANA, A.; DEROIDE, M. B.; MULINARI-SANTOS, G.; THEODORO, L. H. Impacto da sobrecarga de cuidadores de crianças com TEA na saúde bucal. *Rev. Odonto L UNESP*, 2023.
- GONÇALVES, Y.; PRIMO, L.; PINTOR, A. Técnicas psicológicas para manejo odontológico

de pacientes com transtorno do espectro autista. *Psic., Saúde & Doenças*, Lisboa, v. 22, n. 3, dez. 2021.

GORDON, S. C.; et al. Cuidados odontológicos para crianças com transtornos do espectro autista: um estudo qualitativo das perspectivas de dentistas pediátricos. *BMC Oral Health*, v. 19, n. 1, p. 1-8, 2019.

GUIRADO, A. T. Técnicas comportamentais para a modulação de comportamentos em pacientes com TEA. *Revista Brasileira de Terapias Comportamentais*, 2018.

HENNEQUIN, M.; et al. Prevalence of dental caries in individuals with autism spectrum disorders. *Journal of Clinical Dentistry*, 2018.

HENNEQUIN, M.; et al. Saúde bucal de crianças com transtornos do espectro autista: uma revisão sistemática. *Arquivos Europeus de Odontologia Pediátrica*, v. 19, n. 3, p. 151-159, 2018.

KATZ, R. V.; et al. Técnicas de gerenciamento de comportamento em odontologia para crianças com transtorno do espectro autista: uma revisão sistemática. *Pediatric Dentistry*, v. 40, n. 1, p. 11-20, 2018.

KATZ, R.; et al. Anxiety and dental treatment in individuals with autism spectrum disorder: an overview. *Autism Research*, 2018.

LAZZARINI, F. História Social TM e Autismo: revisão de literatura. *Rev. Bras. Ed. Esp.*, p. 349-364, 2022.

LEVY, S. E.; HYMAN, S. L. Clinical management of autism spectrum disorders. *Pediatric Clinics of North America*, 2015.

LORD, C.; et al. A multisite study of the clinical diagnosis of different autism spectrum disorders and the impact of early diagnosis and intervention on outcomes. *Pediatrics*, v. 135, n. 1, p. 1-9; *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 43, n. 5, p. 1123-1134; *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, v. 166, n. 1, p. 68-73, 2020.

LORD, C.; et al. Diagnóstico e manejo do Transtorno do Espectro do Autismo em adultos. *The Lancet*, v. 392, n. 10146, p. 508-520, 2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Relatório sobre a saúde mental no mundo 2023. OMS, 2023.

SHARMA, S. R.; GOPALAN, S.; SREENIVASAN, P. Psychopharmacological Treatment in Autism Spectrum Disorder: A Review. *Current Psychiatry Reports*, v. 20, n. 6, p. 1-9, 2018.

PALUDO, Isadora Cristina Putti; OCAMPO MORE, Carmen Leontina Ojeda; INÁCIO, Amábilie das Neves. Dor crônica e possibilidades de intervenção no contexto da psicologia: revisão integrativa. *Revista Nome da Publicação*, Rio de Janeiro, v. 24, e77561, jan./dez. 2024.

SOKE, G. N.; ROSENBERG, S. A.; HAMMAN, R. F.; FINGERLIN, T. E.; ROBINSON, C.; CARPENTER, L. A.; et al. Brief Report: Prevalence of Self-injurious Behaviors among

Children with Autism Spectrum Disorder—a Population-based Study. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 46, n. 11, p. 3607-3614, 2014.

COSTA, M. L.; et al. A importância do suporte familiar no tratamento do transtorno do espectro autista: revisão crítica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 36, n. 2, p. e361126, 2020.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 2020. 2023.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Transtorno do Espectro Autista. 2022.

HOLTMMANN, Michael; BÖLTE, Sven; POUSTKA, Frank. Comorbidity in Autism Spectrum Disorder: Current Challenges and New Insights. *International Journal of Psychiatry in Clinical Practice*, v. 24, n. 2, p. 116-123, 2020.